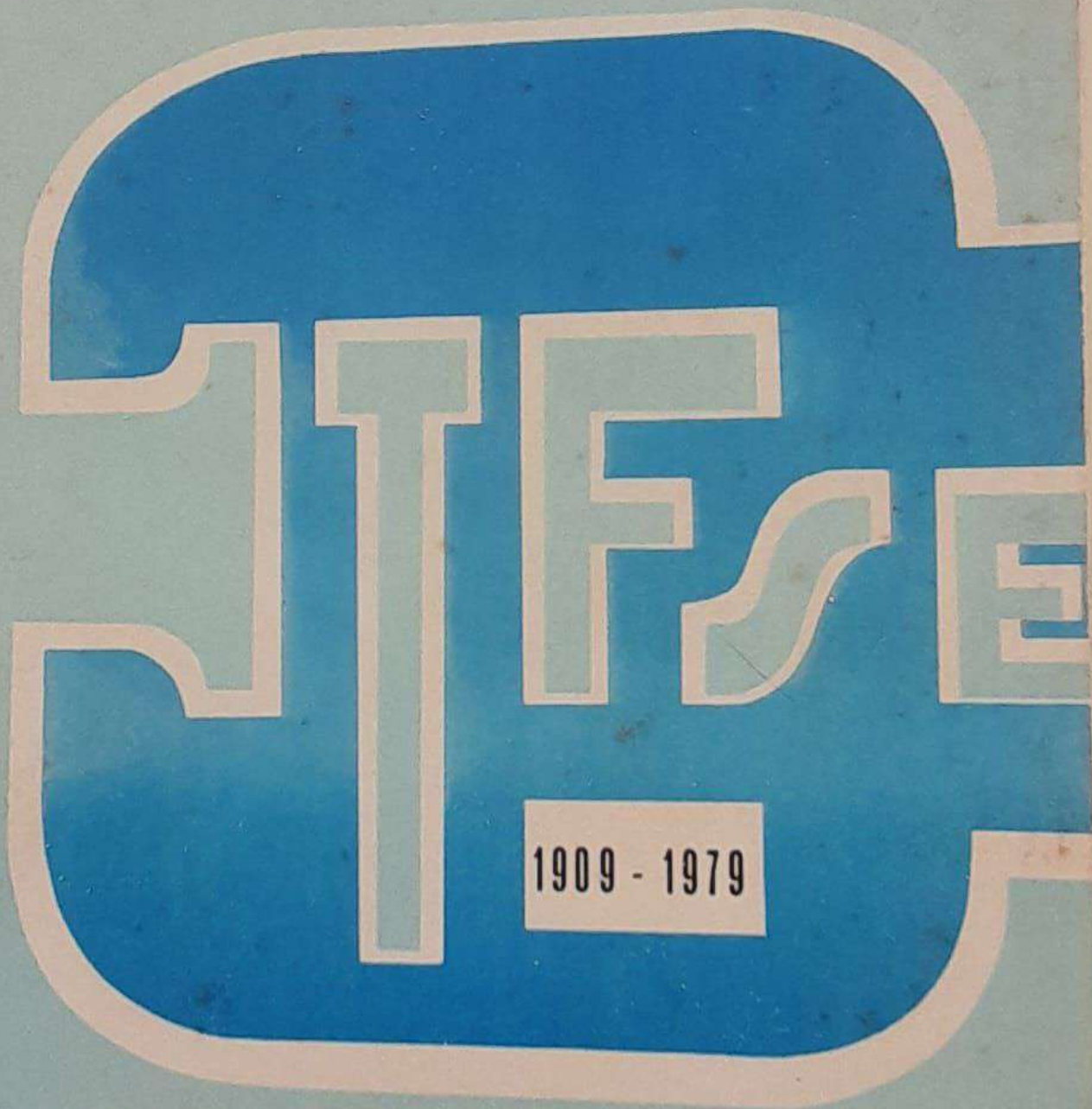


MEC

DEM

ESCOLA TÉCNICA FEDERAL DE SERGIPE



1909 - 1979

70 ANOS DE ATIVIDADES

Profa. MARILENE SOUZA
Assessora da Direção

HISTÓRICO DA ESCOLA TÉCNICA FEDERAL DE SERGIPE

APRESENTAÇÃO

A Direção da Escola confiou à Profa. Marilene Souza a elaboração do Histórico deste Estabelecimento, de 1909 a 1979.

Ao desincumbir-se da tarefa, apresentou, a mencionada Professora um trabalho conciso, claro e valioso sobre a trajetória percorrida por nossa Escola, nos seus longos 70 anos de vida, desde os primórdios da Escola de Aprendizes Artífices até a hoje "Escola Técnica Federal de Sergipe" sendo os objetivos plenamente atingidos.

Aracaju, 21 de Setembro de 1979

BÁRBARA TEREZA FONTES LIMA GUERRA
Chefe do DEPAD

Ao Leitor

Procurei neste trabalho, expor ao público um breve histórico da Escola Técnica Federal de Sergipe, desde 23 de Setembro de 1909 a 23 de Setembro de 1979, sendo este um manifesto no sentido de comemorar o septuagésimo aniversário do Ensino Industrial no Brasil.

Motivada pela solicitação do Senhor Diretor Eng^o Paulo Barreto de Menezes, esforcei-me por considerar de grande importância, o conhecimento dos tempos idos e marcados pelo esforço, pelo trabalho, pelo desprendimento dos diretores que por aqui passaram.

Certa de que não lhes apresento um material de grande valor mas, pretendendo oportunamente apresentar uma contribuição mais enriquecida.

O presente trabalho teve por fundamento os livros da Legislação do Ensino Industrial no Brasil e sobretudo, a contribuição de funcionários e ex-funcionários, destacando-se a da Profa. Leyda Régis pelo seu profundo conhecimento da Escola, refletido no zelo e dedicação com que se manteve aqui durante quarenta e dois anos de trabalho.

Aracaju, Setembro de 1979

MARILENE SOUZA

H I S T Ó R I C O

A Escola de Aprendizes Artífices foi criada pelo Decreto de 23 de setembro de 1979, conhecido como Lei Nilo Peçanha. Aos governos de cada Estado cabia a doação da sede para o funcionamento. Possuía um corpo docente já nomeado um insigne diretor, o Dr. Augusto César Leite, que como homem cōscio dos seus deveres, diariamente ia até à Delegacia Fiscal dar a sua presença. Dr. Augusto Leite foi então o primeiro diretor da nossa Escola. Recēm-formado em Medicina, professor do Atheneu, mēdico do Hospital Santa Izabel, e dentre todos os seus afazeres de rotina, quis fazer jus ao que percebia dos cofres pūblicos, conseguindo com muito esforço e recursos prōprios (convém frisar) algum dinheiro com o qual adquiriu o prēdio situado à Rua de Lagarto esquina com Maroim, por 10:000\$000 importāncia bastante avultada na ēpoca. Estava assim plantado em Sergipe o Ensino Profissi^oonal. Isto aconteceu em 19 de maio de 1911.

Começou a funcionar na Escola de Aprendizes Artífices o Curso Primário com o de Desenho Geométrico e o de Ofícios, em número de quatro: Alfaiataria, Sapataria, Selaria e Ferraria.

A situação do prēdio durante algum tempo era bastante precária, apesar dos esforços e de algumas reformas feitas pelos direto -

res Bento Ferreira, Dr. Ernesto Argenta, que levan
tou o andar superior e o Engenheiro Clodoaldo Viei
ra Passos.

Aproximadamente em 1920 a Escola
já possuía mais duas secções: Marcenaria e Carpín-
taria, além do curso primário onde se ensinava a
parte necessária, a boa conduta do cidadão na soci-
edade.

Convém ressaltar que este Estabe-
cimento, àquela década, era considerado um dos me-
lhores, propiciando ao filho do pobre uma profis-
são, ensinando-o a ler, a amar a Pátria e a culti-
var as regras da honestidade.

Em 1930, a Escola de Aprendizes
Artífices já possuía aproximadamente 150 alunos. Fa-
zia parte da sua estrutura e organização, o Curso
de Letras, como se intitulava o de Cultura Geral,
e cujo corpo docente era constituído pelas profes-
soras: efetiva - Cândida Menezes, e adjuntas - Mari-
a Cabral e Maria de Andrade Melo. Era diretor nes-
te ano Dr. Sebastião de Queiroz Couto, dedicado à
industrialização da Escola e aos fins culminantes
daquele Estabelecimento, que se ressentia das ne-
cessidades mais carentes; até os curativos nos alu-
nos eram feitos por ele próprio quando não podia
encaminhá-los aos profissionais fora da Escola com
os seus próprios custeios, pela ausência de um ser-
viço Médico na Escola.

Foi criada a Meranda Escolar, para melhor atender às necessidades dos alunos dando-lhes substancial refeição.

As aulas de Cultura Geral eram ministradas pela manhã e as de ofícios à tarde.

Em 1942, pelo Decreto-Lei nº 4073, de 30 de janeiro deste mesmo ano, em virtude da situação criada com a Lei Orgânica do Ensino Industrial, passava a Escola a denominar-se Escola Industrial de Aracaju.

A experiência vivida durante a década que se seguiu demonstrou a necessidade da existência de cursos técnicos mais longos, diante das responsabilidades dos graduandos e do aprimoramento crescente da produção industrial. A formação de emergência, em cursos rápidos, já não satisfazia a Comunidade Sergipana.

Em 1959, pela Lei nº 3.552, de 16 de fevereiro de 1959, quando se previa a realização, para operários, de cursos intensivos a curto prazo, e de cursos técnicos de quatro ou mais anos, para os centros industrializados. A Escola Industrial de Aracaju tornava-se autônoma e lhe dava o seu primeiro Conselho de Representantes, criando também o Conselho de Professores.

O Diretor da Escola nessa época, era o Engenheiro Pedro Alcântara Braz; o presidente do Conselho Marcos Ferreira de Jesus e Vice-Presidente Nelson Mascarenhas.

Quanto aos cursos, nesta época eram os seguintes: Cursos de Aprendizagem, Curso Básico e Cursos Técnicos.

Os Cursos de Aprendizagem eram destinados a jovens de 14 anos, que se preparavam para ofícios qualificados, de duração no mínimo de vinte meses.

O Curso Básico, constituído de quatro séries de educação geral, era destinado aos alunos que concluíram o Curso de Aprendizagem mediante verificação de seus conhecimentos e principalmente aos alunos concludentes do curso primário.

Os Cursos Técnicos, de quatro ou mais séries, destinavam-se à formação de técnicos para o desempenho de funções imediatas, atendendo assim às exigências do mercado de trabalho.

O Engenheiro Pedro de Alcântara Braz vinha lutando desde 1949 para aumentar a estrutura física da Escola Industrial de Aracaju, as poucas salas de aula, as pequenas oficinas e sobretudo a falta de área para ampliação, constituía um problema de difícil solução.

Começou a reformar certas oficinas e fechar as menos necessárias, demolindo paredes, criando assim novas salas de aula.

A Escola deixava de receber em média 40 jovens anualmente que nela procuravam matrícula.

Este Diretor aventou a possibilidade de adquirir junto ao Governo Federal, um terreno amplo, mais afastado do centro da cidade e mais próximo dos bairros residenciais da maioria dos alunos.

Seu ideal se concretizou e foi construída uma "Escola nos moldes exigidos pelo crescimento e valorização do Ensino Profissional, em todo o território nacional".

Vale salientar que a demanda se avultava cada vez mais, pois no final desta década, o Engenheiro Pedro Braz, diretor desta casa já sentia a tristeza de não ter que aceitar 400 jovens dentre os que procuravam matrícula na Escola.

Os representantes de Sergipe na Câmara Federal e, sobre maneira, o Deputado Leite Neto tudo fizeram para atender a esse desejo do Diretor.

Foi em 23 de setembro de 1955 que o Diretor, Engenheiro Pedro Braz, agradecia a Deus, humildemente manifestando o seu contentamento, pois colocava a Pedra Angular da obra que tanto desejava, na esperança de poder continuar a nova sede da nossa Escola; o destino assim não permitiu e veio a afastar-se por motivos graves da sua saúde, deixando construído apenas sete pavilhões que seriam destinados ao funcionamento de oficinas.

Não mais retornou à Escola, porém, sua passagem foi um marco indelével na história do ensino industrial sergipano.

Foi substituído pelo Prof. Josino Pinheiro de Carvalho, seguido pelo Engenheiro Moacir Batista dos Santos e o Prof. Humberto da Silva Moura, mas que tiveram as suas administrações bastante prejudicadas pelos tumultos internos e externos, principalmente as greves estudantis que eram a tônica do período pré-revolucionário.

Assumiu a Direção Dr. Teotônio Mesquita. Homem de grande pulso, empenhou todos os esforços no sentido de repressão às greves das quais os alunos tomavam parte. A ele devemos, em grande parte, a aquisição de material para oficinas e acervo para a Biblioteca. Bastante honesto e trabalhador, dirigiu os trabalhos de construção da Escola. As dificuldades de toda a ordem eram marcantes desde o seu funcionamento, que se dividia em um turno na Rua de Lagarto, onde eram dadas as aulas de Cultura Geral, e no outro turno as de Ofícios na nova construção.

O curso mais procurado nesta época era o de Mecânica, destacando-se também outros cursos oferecidos aos alunos e à Comunidade, em convênio firmado com o PIPMO.

Em 1965, pela Portaria nº 239 de 3 de setembro tendo em vista a Lei nº 4.795 de 20 de agosto do mesmo ano, a Escola Industrial Federal de Sergipe passava a denominar-se Escola Técnica Federal de Sergipe.

Em 1969, assumiu a Direção o Dr. Irineu Martins de Lima, cuja administração foi marcante pela ênfase que deu ao ensino. Melhorou as dependências da Escola, construiu o Auditório Pedro Braz, o Ginásio de Esportes, a Pista de Atletismo e a Biblioteca. Sua gestão chegou até 09 de maio de 1979, data em que foi designado pelo Presidente da República, o Engenheiro Paulo Barreto de Menezes para assumir a Direção deste Estabelecimento de Ensino. E hoje, integrado na vida da Escola, faz parte das suas realizações as atividades comemorativas do septuagésimo aniversário no Ensino Industrial, inaugurando neste evento as novas instalações da Biblioteca Dr. Augusto César Leite.

A Escola é hoje um centro estudantil composto de 1.135 alunos e de 114 professores, para onde convergem não apenas alunos carentes, como nos primeiros tempos, mas alunos de todos os níveis, que nela procuram a formação técnica suficiente e capaz de impulsionar o progresso econômico do nosso País.

